

SALGUEIRO, WILBERTH CLAYTHON FERREIRA. *LIRA À BRASILEIRA: ERÓTICA, POÉTICA, POLÍTICA*. VITÓRIA: EDUFES, 2007.*

Prof. Evando Batista Nascimento
Pós-Doutor em Estudos Literários/Freie Universitat Berlin
Universidade Federal de Juiz de Fora

Livros como este de Wilberth Claython Salgueiro exigem novos regimes de leitura, pois a tradição exegética se vê de imediato problematizada. Seria preciso interpretá-lo como coletânea de ensaios simultaneamente *de crítica* e *de poesia*, imprimindo-se toda a força aos genitivos. Tudo aqui se experimenta e reinventa, o poema, a voz, a escrita, o corpo, os afetos, a história e as paixões. Motivo pelo qual a crítica se exerce de forma extremamente criativa, e não como atitude reativa ao gesto criador primeiro. Pois não há mais primariedade na invenção literária. Embora nem a crítica nem a teoria se confundam com o poema, ambas (crítica/teoria) se afirmam aqui pela força que move o último (o poema), escavando o horizonte além do qual se encontra o leitor. Nós.

O traço de genialidade vem desse reconhecimento de que, longe de todo servilismo impotente, o crítico é mais que um intermediário, pois seu texto guarda já e ainda a potência de escrita que em certo ponto o mobilizou. Genial seria o sujeito que interrompe a genealogia, fundando sua própria tradição de leitura, sem submissão a pai nem mãe autorais, mas em diálogo profícuo com estes, seguindo as vias da *desleitura* (com Harold Bloom e mais além). Reconhecemos, pois, o estilo Wilberth Salgueiro de escrever e pensar, como registros de uma assinatura forte.

Pois é ao gesto de um (crítico) poeta lendo outros que se vai assistir, direto e em muitas cores, mas com o grau de distanciamento que o *estudo* exige. E sem pose. Nem os poetas eleitos nem o próprio crítico (poeta) posam de nefelibatas, aqueles que se assentam sobre as nuvens. Ao contrário, poesia, se há, vem do dia a dia e para ele retorna, como matéria vertida que de si mesma alimenta. Daí abrem-se portas, janelas,

* Texto originalmente publicado como apresentação do livro em resenha.

que, como diz a canção, dão para dentro. E, eu diria, também para fora. Para o aberto, o azul do azul, de Mallarmé e de outros poetas (críticos).

Entre os inúmeros acertos, assinalaria a retomada de uma autora canonizada mas hoje relativamente pouco lida pela crítica universitária e outra, Cecília Meireles. Notáveis o modo de compreensão dessa escrita, no sentido de explorar sua fortuna crítica, e a reflexão a que sua produção poética dá vez, habilitando-a a outras leituras neste novíssimo século, tal como ocorre com originalidade na última parte da abordagem.

Igualmente, o ensaio de abertura propõe uma *re-visão* de Drummond, que me parecia bastante urgente, no momento em que a existência mesma da literatura, e da poesia, se encontra ameaçada por veleidades que se dizem estritamente “culturais”. Ora, o próprio da cultura é dar ensejo à multiplicidade de discursos, inclusive para que entrem em fértil contradição ou contracanto, e não dissipá-los no vastíssimo nada, em nome de querelas ideológicas. A importância da crítica literária se vê demonstrada por uma *política de leitura* que agencia nomes do passado (recente ou remoto: Carlos Drummond, Cecília Meireles, Ana Cristina, João Cabral, Pedro Xisto, Paulo Leminski, Sérgio Sampaio, Gonçalves Dias, Gregório de Matos) e do mais agudo presente (Carlito Azevedo, Glauco Matoso, Arnaldo Antunes, Caetano Veloso, Augusto de Campos, Bith, Leila Mícolis). A letra interpretativa se reduplica em torno de nomes canônicos e não-canônicos, potencializando a força transgressiva de cada um, nos planos estético, ético e finalmente erótico.

Seria injusto destacar qualquer dessas análises de alto teor avaliativo-interpretativo, em sentido nietzschiano, todavia não posso deixar de sinalizar o que mais encantou nesse debruçar sobre *poetas*, nome (in)comum de dois gêneros. O teclado reconquista a leveza da pluma nos refinados comentários sobre o erotismo ligado à plasticidade dos (não) poemas de Arnaldo, artista reconhecidamente hipermidiático. Há ainda as excepcionais leituras de Leminski, de quem Wilberth Salgueiro é grande especialista, explorando aspectos sonoros, imagéticos e ressonâncias históricas. Importa do mesmo modo dar relevo ao “passeio” pela Sevilha de Cabral, tema de seus dois últimos livros, e onde se recolhem elementos que vão da paisagem física à da existência, em intenso trânsito entre o masculino e o feminino. No mais, incumbe a cada um os prazeres da descoberta nas dobras dos textos reunidos.

Uma crítica amorosa assim, como queria Roland Barthes, exige no mínimo a erotização estética e política de seus leitores. Mais uma vez, nós. Cabe então fazer uso do que é ofertado, mobilizando-nos para recriar a vida, por meio da mais densa poesia.